

## A PRIMAVERA

Recita para o VERÃO :

E sem minha graça, toucada de flôres,  
E sem os meus flancos fecundos de amores,  
Inuteis teus dias  
Seriam, Verão !...  
Ai nada serias !

## O VERÃO

Para o OUTONO :

De soes calcinantes meus rubros calores  
Teus cachos adoçam e os tingem de côres...  
Adeus, ambrosías !  
Sem mim, frouxo Outono,  
Sem mim, que valias ? !...

## O OUTONO

Para o INVERNO :

Sem meus céos dormentes, de mólés langores,  
E um pouco — vá lá ! — destes meus licores,

Oferecendo a taça, da qual todos bebem, pondo-a em seguida de parte.

Tu não dormirias  
Tão bem, frio Inverno,  
Os teus longos dias !

Dão as mãos, umas às outras, e dansam de roda.

### O INVERNO

Canta :

Sempre diversos,  
Mas necessarios,  
Somos todos nós,  
São nossos fadarios.

### AS QUATRO

Cantam em côro :

Somos todos nós,  
São nossos fadarios.

### O OUTONO

Canta :

Do Tempo filhos,  
Irmãos nós sômos ;  
Fixamos os tempos,  
Os climas compomos.

### AS QUATRO

Côro :

Fixamos os tempos,  
Os climas compomos.

## O VERÃO

Canta :

Sagrada, eterna,  
É nossa lida ;  
Formamos o Ano,  
Nós somos a Vida !

## AS QUATRO

Côro :

Formamos o Ano,  
Nós somos a Vida !

## A PRIMAVERA

Canta :

Filhos do Tempo,  
Sômos Irmãos,  
P'ra festa da Terra  
Nos dêmos as mãos !

## AS QUATRO

Côro :

P'ra festa da Terra  
Nos dêmos as mãos !

Vão dansando de roda, enquanto o pano cai lentamente.

O AUTO DO  
ANO NOVO





## PRIMEIRO QUADRO

Em meia penumbra, os onze meses findos estão dormindo profundamente. O TEMPO, que vem descendo do fundo, morosa e majestosamente, recita, grave, como que falando para si mesmo.

### O TEMPO

Dêse discípulos Jesus seguiam  
A acompanhar-lhe a lide, a ouvir-lhe o afago...  
Dêse, também, mas um por cada vez,  
Meus dêse filhos a seguir-me trago.

Num gesto que indica os meses adormecidos :

Ei-los ali, eternos, imutáveis,  
Dispostos um a um à caminhada,  
Por quem divido as graças e os lazeres,  
As cancelas do Mundo em longa estrada...

DEZEMBRO assoma, como que sonambulamente.

Dezembro ainda a pé. Com êle fecho  
Os ciclos anuais do meu labor ;  
Por isso muito o amo, e a Humanidade  
Tanto o exalta e festeja com fervor.

Êle que passa, baixo, sonolento,  
Quási a missão ao termo, e bem cumprida ;  
Com êle, o ano velho fala e olha  
Dizendo adeus à Terra, adeus à Vida...

Prestes, um ciclo mais irá sumir-se  
Para outro ano, outro ciclo, suceder...

Um dos meses mexe-se ligeiramente, estremecendo.

Janeiro já se move, estremunhado,  
No casulo a sentir-se renascer...

Mais alto, estacando, enquanto DEZEMBRO atravessa, so-  
nambulo, sem dar por êle.

Sol novo, símbolo de Luta nova,  
Não se julgue que foi por mero acaso  
Que fiz nascer Jesus, em seu presepe,  
Entre um ano a romper e outro no ocaso...

DEZEMBRO, que ainda não tem dado pelo TEMPO, caminha  
como que a dirigir-se para os seus irmãos.

### DEZEMBRO

Canta em tom de embalar :

Os meus irmãos  
Adormeceram...  
Dormem, descansam...  
Não, não morreram !

Na eterna Luta,  
Contínuos somos ;  
Da Vida eterna,  
O ano compomos.

Breve eu irei  
Assim dormir,  
Em fundo sono  
A Paz fruir...

Preciso seivas,  
Fôrças criar...  
Para mais útil  
Ser ao voltar.

### O TEMPO

Recita, como que abstractamente :

Nos silêncios da Paz  
A Vida se refaz :  
Se alenta e se renova



A planta, o vegetal,  
Como o sêr animal...  
Quando o homem mesmo enterra,  
Cova é de Vida a Terra:  
Ovário eterno, cova  
Retorta, germinal  
Da Vida universal!

Aproximando-se de DEZEMBRO, a acusar a sua presença,  
continúa, cantando:

É tempo, é certo,  
Tu dizes bem,  
De ires deitar-te,  
Dormir também.

No meu relógio,  
Em seu balanço,  
Não tarda a hora  
Do teu descanso.

DEZEMBRO

A despedir-se:

Adeus, meu pai...

O TEMPO

Meu filho, adeus!...

Abençoando :

Clarões de bençãos  
Chovam dos céus!

Como que abstracto, continúa :

Sucede à Noite  
O claro Dia,  
Como à Tristeza  
Rósea Alegria.

Dias, semanas,  
Se vêm e vão...  
No seu fadário,  
Sua missão.

#### DEZEMBRO

A despedir-se de novo, e como que quebrando a abstracção do velho TEMPO:

Meu pai, adeus!

#### O TEMPO

Adeus, meu filho!  
Aos céus não tarda  
Um novo brilho...

Já meu relógio,  
Em seu balanço,  
Aponta a hora  
Do teu descanso !

Meia noite, DEZEMBRO junta-se a seus irmãos, que dormem.  
JANEIRO, ao mesmo tempo, move-se a despertar.

### O TEMPO

A desaparecer, andando sempre, de vagar e majestosamente.  
Como queixando-se consigo :

Para que a planta germine e floresça  
Dorme a raiz bem no fundo, e repousa...  
E até o Sol, para que enfim adormeça,  
Reveza-o a Lua sorrindo amorosa...

Só eu, só eu, não descanso e socégo,  
Nem posso, ao meio da longa jornada,  
— A cujo fim, por mais que ande, não chego —  
Sentar-me sôbre uma pedra da estrada.

Só eu, só eu, neste fado inclemente,  
Não tenho pausa e sequer liberdade,  
Como um forçado a arrastar a corrente  
Da ETERNIDADE!... da ETERNIDADE!...

## SEGUNDO QUADRO

O mês de JANEIRO vê-se de pé, no fundo que muito vagamente se vai aclarando. Os restantes MESES formam o fundo, sentados em linha. Entra o GRUPO DAS AVES.

### CÔRO DAS AVES

Cantam e dansam :

Cavaleiros da Quimera,  
Formamos a régia escolta  
Que precede, à rédea solta,  
O coche da Primavera.

Nós somos os batedores  
Dessa divina Realeza...  
Da ópera da Natureza  
Os seus melhores cantores.

Mais alto que as borboletas,  
Por sôbre torres e casas,  
Vôam, pairam, nossas asas  
E a nossa voz de poetas.



Antes que o homem das planuras  
Conquistar quizesse os ares,  
Já nosso vôo e cantares  
Reinavam nessas alturas!

Que nós, aves, passarinhos,  
Moramos perto, sem mêdos,  
Em palácios de arvoredos,  
Na água-furtada dos ninhos.

Por isso, antes que ninguém,  
Vemos raiar no horisonte  
A luz do Sol, que é a fonte  
Da Vida, de todo o Bem.

Anjos terrenos, voando,  
Vamos rufantes céus fora,  
Doirados clarins da Aurora,  
Do Dia a vinda cantando.

Com nossos trinos palreiros,  
Sempre bom tempo anunciamos...  
À Terra agora apregoamos  
O Ano-Bom, alviçareiros.

Surgem grupos de PASSARINHOS, ruflando as asas.

### UM PASSARINHO

Canta :

Nós, povoadores dos ninhos,  
Somos ainda, afinal,  
Os bons, clássicos modelos  
    Dos desvelos,  
    Dos carinhos:  
    Pombas e rôlas,  
    E passarinhos.

### OS PASSARINHOS

Cantam em câoro :

É em segredos  
Que em arvoredos  
Tremem, de ledos,  
Êstes biquinhos  
Com que nos ramos  
Nos osculamos,  
Juntos criamos  
Nossos filhinhos.

Não há finura,  
Fôfa brandura,  
Cama mais pura,

Do que a dos ninhos!  
E aroma esquivo,  
Ar fugitivo,  
Que pinte ao vivo  
Nossos carinhos...

Canta uma ave:

#### AVE POLÍCROMA

Gabam-se as gemas e os minerais  
Dos mil caprichos dos seus fulgores...  
Das lindas tintas, ricos matizes,  
Falam orquídeas e as demais flores...  
Tão opulentas,  
Só quem não olha  
As vestimentas  
— Êstes primores,  
— Êste arco-iris,  
Das nossas cores!

Canta outra ave:

#### AVE CANORA

Quedam-se as fontes em seus cristais,  
Param as moças trovas antigas,  
Quando em gorgueio a tremer nos pomos...  
Que invejas sentem as raparigas  
E águas das fontes,  
Quando lançamos

Aos horisontes  
Canções amigas,  
Que nós compomos  
— Nossas cantigas !

Seguem-se as FLORES. Primeiro, as grandes e gloriosas flores decorativas, e as grandes como as pequenas flores frutíferas :

### CÔRO DAS FLORES

*Somos o encanto da côr :*  
Desespêro do pintor  
Que não conhece o segrêdo  
Da nossa tinta e esplendor.

*Somos o doce perfume :*  
Que a nossa alma resume,  
Vagueando à noite, a evolar-se,  
Ou de dia ao aureo lume.

*Somos o sorrir mais ledo :*  
Companheiras do folguedo,  
Ramos de festa e noivados,  
Festões de campo e arvoredo.

E sendo a Graça contente,  
Primeiro, o Amor sorridente...  
Os frutos, depois, nós damos  
Em fartura previdente.



Vêm as singelas florinhas das veigas e prados, e as flores  
perfumosas dos jardins :

### CÔRO

Belas caçoilas  
Somos, e o incenso  
Que turibúla,  
Vago, suspenso,  
O espaço imenso.

Somos, caladas,  
O melhor grito  
Que entôa hossanas,  
Hino bemdito,  
Ao Infinito...

E faz da Terra  
Áspera e dura,  
Outra morada,  
De formosura,  
Risonha e pura.

No nosso cálix,  
Que mal se enxuga,  
A abelha bebe,  
Leve e prófuga,  
O nectar suga...

E ainda ficam  
Sucos viris  
Para saciar  
Bandos gentis  
De colibris.

E o vento alígero,  
A esquiva aragem,  
O olor nos furta  
Quando, em viagem,  
Vai de passagem.

E as moças nubeis  
Vêm, sem receio,  
Logo cortar-nos...  
Põem-nos no seio,  
Em doce enleio...

Põem-nos no peito  
E nos cabelos...  
E, — sendo lindas! —  
Com tais desvelos,  
Têm de nós zelos!...

Somos pequenas,  
Mas tão roubadas!...  
Damos p'ra tudo,  
De tão gabadas  
E cubiçadas!

## AS AVES E AS FLORES

Córos combinados :

Flores e Aves,  
(Pomos e cantos !)  
Do TEMPO somos  
Os mais suaves  
Dos seus encantos !

## OS MESES

Que formam ao fundo, com JANEIRO à frente :

De todo o ano,  
Aves e Flores  
Decerto são  
Os seus amores,  
Sua paixão !

## AS AVES E AS FLORES

Como que não dando por esta resposta, repetem :

Flores e Aves,  
(Pômos e cantos !)  
Do TEMPO somos  
Os mais suaves  
Dos seus encantos !

## OS DÔSE MESES

Certo, sem vós,  
Em profusões,  
Pouco seríamos!...  
E as ESTAÇÕES  
Como as faríamos!?...

## AS AVES E AS FLORES

Tornam a repetir, como que indiferentemente :

Flores e Aves,  
(Pomos e cantos!)  
Do TEMPO somos  
Os mais suaves  
Dos seus encantos!

## OS DÔSE MESES

Sofre-se a chuva,  
E o proprio vento,  
Por dar vigor,  
Mais viço e alento,  
À asa e à flor!



## O TEMPO

Surge, e vem logo recitando a sua

### SAÜDAÇÃO AO SOL

Luz de oiro, Luz ardente, oh grande Sol glorioso,  
Um frémito precoce, um calafrio de gôso,  
Percorre o Mundo inteiro e rufla em toda a parte,  
Só de pensar em ti, só cuidando de esperar-te,  
Como enfêrmo buscando a saúde e o vigor  
Ou um corpo com frio a achegar-se ao calor...

Só de pensar em ti, nos teus ígneos carinhos,  
O arvoredado estremece, alvoroçam-se os ninhos,  
Após a noite, após o sono, indo a acordar,  
Tentando o vôo, tentando o canto, aflando no ar...  
O solo fundo e escuro, as searas e florestas,  
Julgam que tardas já para as nupcias e festas...  
E corolas de Flora, abrindo, e almas da Gente  
Vem receber-te e esperar-te, oh Luz omnipotente.

Anda a tingir-se o longe, ha pouco ainda exangue...  
Anuncias-te, oh Sol, entre clarões de sangue,  
Como viesses agora, em bélicos arroubos,  
Duma acêsa peleja em confins doutros glôbos...  
Sei que queres mostrar que é sempre e sempre a Vida  
Um combate porfiado, e quer-se bem sofrida  
Para a colheita e o Bem estimar-se melhor  
Vindos do sacrificio e criados na dor...

Que é em parto custoso, em tragédia que espanta,  
Que o homem se gera, a água, a féra, a pedra, a planta...  
Mas sempre tendo em ti o agitador profundo,  
Caudal de seiva e alento, oh velho Pai do Mundo!  
Que a Paz pertence à Noite, em seu manto estrelado,  
E tu és, luz activa, o Combate sagrado...  
Oh meu triunfal Irmão, oh diurno pioneiro,  
Por isso, o ar possues dum constante guerreiro  
A atravessar a Terra, em prol da Humanidade,  
Doirado como o Heroi, claro como a Verdade.

Ei-lo que vem rompendo, aos poucos, de vagar...  
Loiro Febo que emerge, em manchas a barrar  
A curva do horisonte, e a iluminá-la em roda:  
Aleluia de luz a abençoar uma boda...

Vê-se ao jorrar a tua esplêndida alegria,  
Em ímpetos de fôrça e em ondas de harmonia  
Que as ténebras espanca e a tristura desterra,  
O que seria o Mundo, o que seria a Terra,  
Sem ti, divina côr, oh velho Rei fecundo:  
Poço com água triste a apodrecer no fundo,  
Sem canteiros à volta, a florir de roseiras,  
Nem ânforas a encher entre vozes palreiras...  
Nem crianças sequer, indo a rir acordar  
Os écos lá dormindo, à pedrada e a gralhar,  
Com mêdo à boca escura e cava da cisterna...  
Turvo e sinistro cáos, calada Noite eterna!  
Por ti, e pelos mais que formam tua côrte,  
Mesmo quando violento a trescalar a Morte,

(Cascata incendiada e auréola jocunda)

Tu és a Vida sempre, a gestação fecunda,

Tu és a própria Vida, a própria Criação!

— Que se a Terra caminha é só por tua mão...

Tinges a fruta e a flor, paleta de mil cores,

E a alegria se faz dos teus vivos fulgores.

Como um nababo enorme e enorme perdulário,

Por toda parte a rir, (estranho milionário!)

Esbanjas o oiro flavo, o líquido oiro puro,

Sem olhares a quem, do trigal ao monturo...

Com tua irradiação até feras amansas

E fazes que floresça a boca das crianças

E até a boca triste e já murcha dos velhos...

Brunes o aço da água e doiras seus espelhos,

E até, genial maestro, ao menear da hirsuta

Cabeleira que tens, qual mágica batuta,

É de *canções de berço* e graves *partituras*

Que enches plainos da Terra e os Astros das alturas...

Crias a Chuva, eu sei, as águas suspendendo,

Para as lançar depois sôbre a Terra bebendo...

E quando ela é demais, e os campos friorentos,

Empapados da água e varados dos ventos,

Suplicam, a tremer, em suas preces claras:

Que regreses por môr das plantações e searas,

Tu volves, a espreitar, entre os sons de alvoradas,

Ou pelas tardes, rindo, entre as nuvens fumadas...

Como o Vento também, também és tu que o trazes,

Numa partida louca, às vezes, de rapazes...



O Vento que fustiga e muita vez arraza,  
Mas é o encanto da vela e a alegria da asa.  
O Vento que é o demónio esturdio das procelas,  
Mas, às noites, também arripia as estrêlas  
E a superfície mansa e estagnada do lago...  
E faz cantar o bosque... e espalha o mel do afago  
No perfume da flor... e leva, espaço adiante,  
Pelos prados semeando, o pólen fecundante...  
E de dia, ao fervor das tórridas soalheiras,  
É a brisa abanando os leques das palmeiras,  
— Moderando o calor é frescura e bafejo :  
Na asa duma carícia e no canto dum beijo.

A postos! Ei-lo, emfim, o ingente Sol criador,  
A despertar a Vida, a reacender o Amor,  
Em cachoeiras de fogo e em rios de carinhos,  
— Agasalho do pobre e protecção dos ninhos...

Com a alva dêste dia aflora um ano novo.  
A Natureza inteira, e em todo o Orbe o povo,  
Mais se alegra, por isso, e aclama entusiasmado,  
Saüdando nesta Aurora um novo anno sagrado.  
Já o globo solar ao alto sobe e estúa,  
E, sob o seu influxo, a Vida continúa,  
E reproduz-se, e segue, a mesma sempre, em frente,  
Sob as benções de luz do Sol aurifulgente.

Fanfarre e estruja o som da apoteose geral  
Como carrilhões de oiro e de prata e cristal  
Em mil torres tangendo uns *Tedéus* de Vitória  
De exaltação á vida, em plena Luta e Glória!



Nós te saüdamos, Sol, santo clarão dos céus,  
— Na côrte do Universo, Embaixador de Deus!

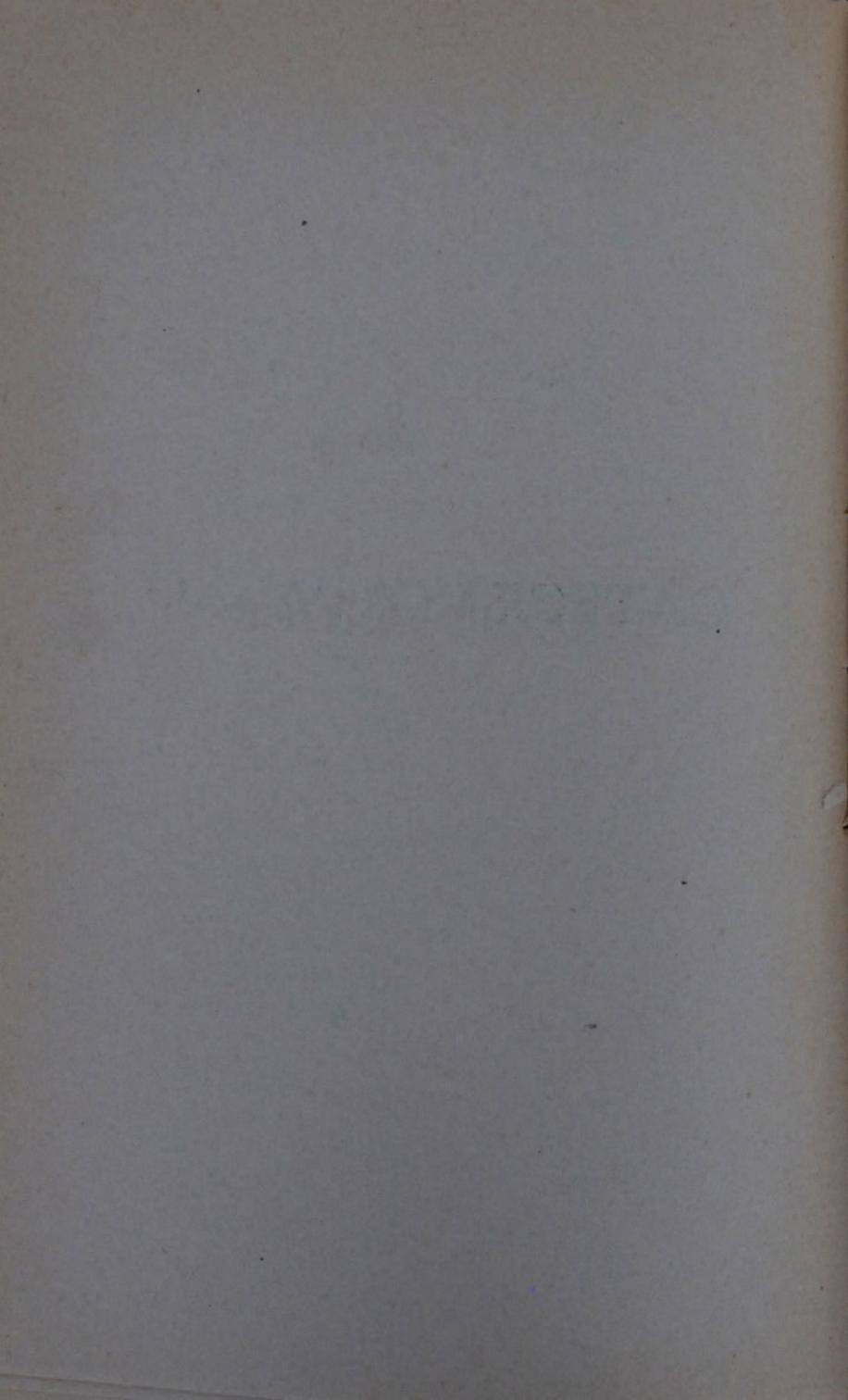
### CÔRO FINAL E GERAL

Oh loiro Sol radiante,  
Que em teu caminho ovante,  
Ao teu affecto,  
Só brotem flores,  
Risos germinem,  
Graças e amores!

Que por vales e montes  
Jorrem as tuas fontes  
Como hoje, oh Sol,  
Em cada dia,  
A água doirada  
Desta alegria.

Dia de luz, primícia  
Dum Ano de delícia...  
Que êste Ano-Bom,  
Que se festeja,  
Seja bom ano,  
Ditoso seja!

CATECISMO PAGÃO



ORAÇÕES ANTIGAS





## VERDADES SUPREMAS

A morte é certa,  
E a hora incerta  
Em que morremos...  
Por isso a Vida,  
No amor, Querida,  
Aproveitemos!

Se acaso existe,  
Alegre ou triste,  
Outra existência,  
Que importa ela  
— Ou sombra ou estrela —  
Se é doutra essência?!

E essência igual,  
Espiritual,  
Fôsse, que importa!  
Se a forma, a graça,  
Que a vista abraça,  
Seria morta?!...

A luz infinda,  
Que mais te alinda,  
Seja celeste!  
Mas que seria  
Sem a magia  
Que a enlaça e veste?!...

E mesmo insana,  
Por muito humana,  
Essa beleza  
É hino entoando,  
Divinizando  
A Natureza!

Alma, a mais forte,  
Subsista à morte  
No ar diluída...  
Corpo adoravel,  
Forma palpavel,  
És para a vida!

E a vida sendo  
Nuvem correndo,  
Vela passando...  
Aproveitemos  
Quanto vivemos  
A vida amando!

## PADRE NOSSO

Padre Nosso que estais na etérea altura  
Regendo a Dia,  
Ígnea fonte que aquece e que fulgura  
E que alumia  
Rir de alegria.

Santificado seja o nome vosso  
E a vossa luz,  
Que haurindo-vos a Terra em alvoroço  
É que a Vida se gera e expande a flux  
E reproduz.

A nós venha o clarão da aurea e fecunda  
Efervescência ;  
Descei à treva e à ignorância funda,  
Sol da Verdade eterna e eterna essência  
De toda a ciência.



Porque às vezes em excesso referveis,  
Assim na Terra, assim na Imensidade,  
Vós o sabeis...

Seja feita a vossa áspera vontade  
Pelo muito que Vos deve a Humanidade.

O *pão-nosso* (hoje e sempre!) em cada dia  
Vós no-lo dais  
Na verde esperança da seara fria  
Que em messe loira e cheia vós trocais  
E amadurais.

Padre Nosso de rútila grandeza  
Que tudo cobre,  
Que redourais os mantos da riqueza  
E sois o cobertor da gente pobre,  
E o que é humilde e feio fazeis nobre.

Senhor da Terra e Céu, sois a Humildade,  
Tudo afagais  
Com olhos de oiro e mãos de claridade;  
— A própria lama um instante em que poisais  
Divinisaís!

E também (confessamos) êsse fogo  
Que derreteis da altura, generoso,  
Faz mais ardente e não apaga logo  
O peito ansioso  
O peito já de si tão amoroso.

Por isso Nosso-Pai que insinuais  
Na Natureza e em nosso coração  
A delícia dos sonhos terreaes,  
Se cairmos em grave tentação...  
Já contamos, Senhor, com o perdão.

## AVÉ MARIA

Avé, oh Lua!...  
Nos céus flutua  
E langue passa,  
Irradiando,  
Teu lume brando,  
A tua graça.

Pai-Sol amigo  
Levou consigo  
O brilho, a côr...  
A terra toda  
Negreja em roda  
De luto e dor.

E, oh Lua, ascendes,  
Abres-te, esplendes,  
Mãter celeste,  
Logo a negrura  
De ideal brancura  
Toda se veste.

Alvor suavíssimo,  
Luar dulcíssimo,  
Oh Luz sem par,  
Do Azul rainha,  
Doce Madrinha  
A abençoar.

Tu quanto alagas,  
Pintas, afagas,  
Muda a feição...  
Tudo igualisa,  
Adoça e alisa  
O teu clarão.

Almas e cousas  
Rosas e lousas  
Ao teu raiar  
Acordam, vivem,  
Sonhos revivem,  
Põem-se a sonhar...

Deusa de neve  
E de oiro leve,  
Reges dos ares  
Tudo, a teus pés...  
Com as marés  
Moves os Mares.

E todas entre,  
A Mãe que o ventre



Fruto conduz,  
Segue-te e espia,  
Em ti confia  
P'ra dar à luz.

Oh Lua, ave!  
Assim suave  
Vais fecundando,  
Lua lirial,  
Lua nupcial,  
Vida espalhando...

Avé, oh Lua!  
Bendita a tua  
Luz que perpassa  
Nos céus, serena,  
De graças plena,  
Cheia de Graça!

## SALVÉ, RAINHA

À BONDADE

Salvé, Rainha!, doce acolhedora  
De quem padece...  
Boníssima e clemente, a Vós, Senhora,  
A nossa prece.

Bradam por Vós, exânimes vencidos,  
Os derrotados,  
E os que pranteiam longe os seus gemidos:  
Os degredados.

Por Vós suspiram, pálidos descrentes,  
Rogando auxílio,  
Os que entre a sua Pátria e as suas gentes  
Têm negro exílio.

Neste campo de lide em que é mistér,  
Forte, lutar,  
Todôs buscam, ao fim do combater,  
O Vosso olhar.

Rogam vencidos, como vencedores,  
As vossas palmas,  
Que dão triunfo e bálsamos ás dores,  
De corpos e almas.

A todos que esta onda corruptivel  
Da sociedade  
Um dia condenou irredutivel  
E sem piedade,

Que a Desgraça, a Calúnia ou a Discórdia  
E a própria Lei  
Feriram, doce Mãe de Misericórdia  
O olhar voltei.

Voltei o Vosso olhar claro e piedoso  
Em luz sarando  
Todas as chagas que no mundo iroso  
Estão sangrando.

Salvé, Esperança nossa derradeira,  
Na torva liça;  
*Bondade*, na doçura e na maneira...  
No mais, *Justiça!*

## CREDO

Eu creio em vós, ó Deusa triunfante,  
Antiga e sempre moça Natureza,  
Fonte eternal do Amor e da Beleza,  
Seio e ovário da Vida irradiante.

Creio em vós, Madre Toda-Poderosa,  
Sempre virgem e sempre fecundada:  
No ar, como na colmeia constelada,  
Na água, como na terra generosa.

Sois *Ceres* rindo ao Sol e procriando,  
Pelas raízes sugando àvidamente,  
E, em troca, pelas folhas, fartamente,  
A Criação em roda alimentando.

Sois *Proserpina*, a filha arrebatada  
De Júpiter e Ceres, repartindo  
O tempo em Primavera refflorindo,  
No Inverno a refazer-se enclausurada.



Eu creio em vós, como em Pomona e Flora,  
Irmanadas nas dádivas da Terra,  
Urnas da Graça que enche o vale e a serra,  
Que o Universo sacia e o Mundo inflora.

Eu creio em todas essas transfusões  
Da grande Natureza sempiterna,  
Em que a vida genésica se alterna  
Nas mil sublimes transfigurações.

Deusas e Ninfas, toda a imensa côrte  
Da seiva em seus mistérios infinita,  
Que não morre, e se morre resuscita  
Para reproduzir-se ainda mais forte.

Deusas e Ninfas, símbolos sagrados  
Da Vida Eterna, eu creio em vós, e creio  
Que hei de, por fim, tornar ao mesmo seio  
Quais pólenes d'ouro ao vento semeados...

Depois ressurgirei, reateadas brasas:  
Os meus beijos nas flores dos bosquedos,  
Minha carne na polpa dos frutedos,  
E a minha ânsia espiritual em asas.

## LADAINHA

Deusa Pomona, protejei os pômos  
Que em nossos galhos compomos ;  
Confiamos em vós — que vossas filhas somos !

Deusa Flora, assisti às nossas dores,  
Com Pomona, aos nossos partos,  
Seivas vertendo em nossos peitos fartos !  
Boas Deusas, velai nas nossas dores,  
Que sem elas não há filhos, frutos e flores.

Ninfas das claras águas, reparaí nas fontes,  
Mananciais, águas livres dos montes,  
Ledos chóros contínuos que choramos...  
Que jámais nos seque a bôca...  
Não falte a água, inda que pouca,  
Com que os sequiosos consolamos.  
E é mais triste que a água em triste litania  
A sêca fonte vasia.

Madre Céres, vigiai as messes auri-claras,  
Tem dó do agricultor que ños lavrou, semeou,  
E das bocas que esperam, tanta vez em vão!  
Ó Senhora dos Verdes e Searas,  
Sabeis que em nosso seio é que se forma o pão.

Ó Senhora das Chuvas previdente,  
Sem Vós o lavrador não se assocega;  
    Água cantante da rega  
Aos hortejos não basta e aos laranjais,  
E mal refresca os pés aos milharais.  
    Águas grossas da chuva,  
    Caí depressa, em torrente,  
    Por sôbre a terra contente!

Ó Senhora dos olhos mais suaves  
    E da fala mais sonora,  
    Feita de cristal e arminhos,  
Que protegeis os passarinhos e aves,  
    Não arrefeçais, Senhora,  
Na protecção dos berços e dos ninhos!

Zéfiros que correis os pomares e as eiras,  
    Com brandas bocas sopraí!  
Em vossas asas leves e canseiras  
Sementes verdes, pólen d'oiro arrebatái,  
    Pelo mundo espalhai...



## FÉ, ESPERANÇA, CARIDADE

Da *Fé* o azeite, êsse óleo nobre,  
É alimento, é abastança  
Dêsse candil de barro pobre  
Mas resistente — que é a *Esperança*.

Sem Ela, a *Fé*, puro óleo santo,  
Como ha-de o barro alumiar,  
Na casa humilde o estreito canto,  
A alma da gente, e todo o lar!?...

Mesmo se frouxa arde e crepita,  
Tudo enche e alegre em claridade...  
Da *Esperança* que unge a *Fé* bendita  
Chameja a luz da *Caridade*.



## ESPERAR

PURGATÓRIO, INFERNO, PARAIZO

Quando te espero... Decerto  
Não sabes que seja esperar,  
Que o meu amor, bem desperto,  
Nunca to quiz ensinar.

Quando te espero... Não creio  
Que conheças, em verdade...  
Ninho seria o teu seio  
Da mais torva crueldade!

Nem para me experimentar  
Necessitas, julgo eu,  
No Purgatório queimar  
Uma alma que busca o Céu.

Se me queres, sem favor,  
Purificada se veja  
Nas labaredas do amor,  
Quando um do outro já seja.

Esperar, mesmo a quem espera  
Com a certeza que alcança,  
(O mais calmo desespera)  
É atroz desesperança.

É Purgatório, é tormento  
Maior do que se presume:  
É ter, a cada momento,  
O Inferno até do ciúme!

Vens, afinal!... Indeciso,  
Ainda mal oiço os teus passos,  
Rasgam-se em luz os espaços,  
Abre a porta o Paraíso!

## OS PECADOS MORTAIS

### SOBERBA

Soberbo me sinto quando  
Me consentes a teu lado,  
Que o bem maior que há no mundo  
É amar e ser amado.

### AVAREZA

Avaro, sim, sou avaro  
Dos carinhos que me dás;  
Tão avarenta dos meus  
Assim tu sejas capaz!

### LUXÚRIA

A luxúria, santo Deus,  
É vil pecado mortal;  
Mas quando se ama a valer  
É antes bem do que mal.

## IRÁ

Fico irado contra aqueles  
Que te comem com o olhar...  
Ira é defeza, e não crime,  
Contra quem nos quer roubar.

## GULA

Ter gula, nem se pergunta  
A um amante ditoso...  
Ter gula dos teus abraços  
Ser dos teus beijos guloso.

## INVEJA

Inveja tenho de tudo  
Que no teu corpo sorri;  
Eu invejo os próprios ares  
Que ando bebendo por ti.

## PREGUIÇA

Pecar de preguiça é feio,  
Mas é um doce pecado;  
Junto a ti sinto preguiça...  
De me tirar do teu lado.



## PARTES DA PENITÊNCIA

### CONTRIÇÃO DO CORAÇÃO

Contrito, do coração,  
Muito me pésa de haver-te  
Ofendido — na intenção  
De mais amar-te e querer-te.

Arrependido, de gíolhos,  
Eu me venho confessar,  
Rezando sob os teus olhos...  
Muito se péca a rezar!

### CONFISSÃO DE BOCA

Fazer «confissão de boca»,  
Manda a Santa Madre Igreja,  
De tudo que em hora louca  
O corpo e a alma negreja...

Direi tudo, com franqueza,  
Que por ti ando pecando...  
Só assim tua dureza  
Se tornará lume brando.

#### SATISFAÇÃO DE OBRA

Se ainda, em juízo duro,  
Não usares de clemência,  
De ânimo quêdo e seguro  
Ouvirei a penitência.

Pelo menos, na atrição,  
Com vontade de a cumprir,  
Que isso basta à absolvição...  
E ao prazer de prosseguir.

## POTÊNCIAS DA ALMA

### MEMÓRIA

A *Memória* é história certa,  
Seja a que alegre ou entrista ..  
É janela sempre aberta  
Donde o passado se avista.

### ENTENDIMENTO

Quer-se sempre o *Entendimento*  
Firme como a rocha viva,  
E claro como o rebento  
D'água que dela deriva.

### VONTADE

É a *Vontade* querer,  
Querer é meio caminho...  
Vontade assim é poder  
Do mundo no torvelinho.

## OS CINCO SENTIDOS

### VER

*Ver* é recreio dos olhos  
Mirando quem lhes quer bem ;  
Mirando quem lhes quer mal,  
Encanta, às vezes, também.

### OUVIR

*Ouvir* aves na alvorada,  
*Ouvir* fontes no calor...  
*Ouvir* sempre, noite e dia,  
A tua voz, meu amor.

### CHEIRAR

Cheirem outros, cravos, rosas...  
Que para mim não há nada  
Como o teu corpo, cheirando  
A roupinha bem lavada.



## GOSTAR

Gostar é fio de azeite,  
Que nos tempéra a comida,  
É a pedrinha de sal  
Que faz mais gostosa a vida.

## APALPAR

Apalpar é confiança ;  
Paixão moça inda é verdura ;  
Só se apalpa a fruta quando  
Já se vê quási madura.

*Claridade...* ser claro  
Mais do que o sol... de modo  
Que ao meu olhar avaro  
Teu corpo lindo e raro  
Floresça e esplenda todo!

*Subtil*, nas graças, vaga,  
Que pareças esquiva...  
A *subtileza* afaga.  
Se o vento o fogo apaga  
O ar a chama aviva.

*Ágil*, como fugace  
Meu pensamento quando  
Te busca a rósea face...  
Que inda antes que eu te abrace  
Já estejas abraçando!

Mármore duro seja,  
*Impassível*, depois.  
Que o tempo da peleja  
Nem um só traço veja  
De cansaço em nós dois.

## CÉU

E dizem que não há céu!...  
Êle existe, todo inteiro,  
No feitiço dos teus modos,  
No teu rôsto feiticeiro.

E dizem que não há céu!...  
È vê-lo todo estrelado,  
No sorrir da tua boca  
Que me trás enfeitado.

E dizem que não há céu!...  
E eu vejo-o (um céu sem fim)  
Nos teus olhos, mesmo quando  
Êles não olham p'ra mim.

E dizem que não há céu!...  
Pelo menos para nós...  
E eu oiço-o, quando tu falas,  
No canto da tua voz.

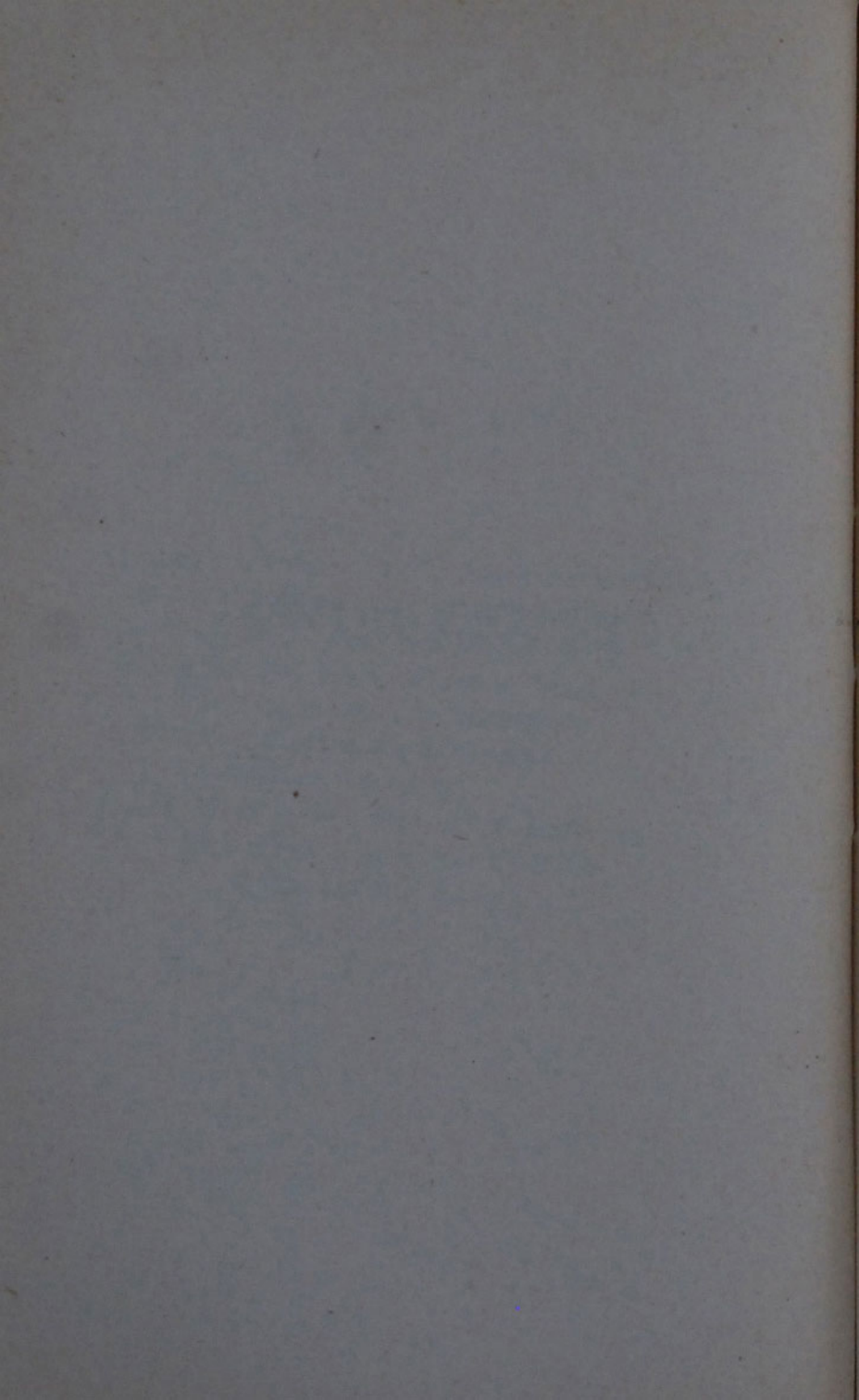
E dizem que não há céu!...  
Quando êle o há: na magia  
Do teu olhar — noite escura!  
Da tua côr — claro dia!



## EXTREMA UNÇÃO

Quando me for... Que eu hei-de anteceder-te,  
Pois quero (egoista) que antes tu me percas  
Que eu padeça a amargura de perder-te...  
Quando me for, que o teu amor maguado  
E mais na dôr espiritualizado,  
— Êle que é cérebro, alma, coração —  
Seja-me à cabeceira  
A vela com que eu morra, a luz suprema,  
Seja o óleo santo, a benção derradeira,  
A minha *Extrema Unção*.

ORAÇÕES NOVAS



## ORAÇÃO DAS PEQUENAS ÁRVORES

Árvoresita, apenas inda arbusto,  
Trememente, pálida de susto,  
Com freqüência ciciava lamentosa...

Perceptível não é a toda a gente,  
(E felizmente!) a todos os mortais,  
Essa estranha linguagem misteriosa  
Murmurante, subtil, quási silenciosa,  
Das florestas, das árvores, dos vegetais.

Mas quem vier sòzinho, e de vagar,  
Em certas horas de recolhimento,  
Bem silenciado e concentrado, como palma  
Em que não bula o vento,  
Decerto escutará o seu falar,  
O seu orar,  
E ingressará em sua alma  
E em seu entendimento.



«Fracos que passam  
Tentam vergar-me,  
Dobram-me e torcem-me,  
Querem matar-me...

«Fortes que passam  
Só nos respeitam...  
E é ver uma haste ou galhos derrubados,  
Com mil cuidados  
Os levantam e amarram e endireitam.

«Tenra, novinha,  
Frágil, fininha,  
Inquieta vivo...  
E por feliz me dou quando sòmente  
O vento esquivo  
O corpo me trespassa fòrtemente,  
Às ondas dá comigo, de roldão...  
Que os fracos  
São pior que a tormenta mais bravia,  
Que um furacão!

«Ai deixem-me viver;  
Em pernadas e braços alargar-me,  
Em folhagens e em sombra arredondar-me,  
Sentir-me no ar, na luz, subir, crescer...  
Enquanto, mais felizes,  
Nas funduras da terra, obscuramente,  
Multiplicam-se e furam as raízes,  
Como a afeição no coração da gente...

«Tendo vivido, que me importa o fim?  
Ficar no mundo a todo o mal sujeita,  
Que importa isso depois, quando já mais que feita,  
Em plena, radiosa e útil mocidade,  
Eu seja fruto, flor, calma hospitalidade...  
Alguma coisa eu tenha sido enfim!?»

## ORAÇÃO DAS MÃIS POBRES

Senhor! Senhor!  
Que reges este mundo,  
Em que bem pago temos,  
Com o mal que arrastamos e sofremos  
Nossas horas de gôso e amor fecundo...

Senhor!  
Bom Pai celeste,  
Defendei-nos, já que uma vez nos defendeste:  
Quando *êle*, apenas flor,  
No ventre estava prestes a desabrochar...

Se então nos acudiste, ao filho e à mãe,  
Agora a ambos acudi também.

Nós que os geramos  
Gemendo, e em nossa entranha os carregamos  
Em meses de febril enfermidade,  
E que os parturejamos  
Em séculos de angústia e de ansiedade



(Que mais obra parece do *inimigo*,  
Torvo castigo ou expiação,  
Do que a obra dum Deus clemente e amigo,  
E o mistério genésico, divino,  
Da Criação...)

Que os concebemos, e os trazemos  
Como lobo esfomeado ao nosso peito  
(Quantas vezes mirrado, sêco, exangue,  
De sobresaltos e ânsia dolorida!...)  
A chupar, a sugar no leite o nosso sangue...  
E nós ainda assim tranqüilas e contentes  
De os ver, aos pobres pequeninos entes,  
Crescer, sorrir; desenvolver-se  
Dentro da nossa vida para a Vida!...  
Temos direito —

Temos ou não, Senhor! ?  
De querermos que vingue e que inútil não seja  
Tanta amargura e sacrifício,  
Tamanha dor! ?...

Não são nossos, bem nossos,  
Do nosso corpo: a nossa carne em febre,  
Mêses a arder em túmido suplício,  
Como da nossa alma em extasis,  
Dos cuidados e enlevos  
No amoroso fervor! ?

São plantasinhas,  
Ainda arbustos, frágeis, — como vêdes —  
Apenas...  
Amparai-os, Senhor,  
Com a vossa assistência e o vosso amor!



São àvesinhas,  
O bico e a asa mal a abrir, — bem vêdes —  
Sem penas...  
Ajudai-os, Senhor,  
Ou reforçai e ajudai o meu valor!

Que braço duro e bárbaro  
Irá à árvore que mal se ergueu  
E em seus rebentos e hastes a maltrata  
E a torce e mata! ?...

Se a plantaram, ou mesmo ali nasceu,  
Timidamente,  
Como recém-nascido gemebundo,  
Foi para que vingasse à luz do Céu  
E vitoriõsamente  
Medrasse e florejasse,  
Nas pompas da Natura triunfasse!

Que mão ruim, selvática,  
Vai ao segredo d'árvores copadas  
E dum golpe destrói os ninhos e as ninhadas!?

Não viessem ao mundo, os pòbresinhos...  
Mas como já são nados,  
Quási criados...  
Vivam! Que para a vida é que nasceram,  
E os ninhos mais os berços se fizeram!

Senhor! ouvi o nosso rogo, a nossa voz  
Porque sois Pai, e não algoz...  
Dai-nos vida e saúde, sem receio,  
Senhor! Senhor!  
Por êles, os filhinhos fràgeisinhos  
Do nosso ventre e o nosso seio,  
Do nosso sacrifício e enleio!

Porque sois Pai, ouvi a nossa voz,  
Por êles — quando não seja por nós!

## ORAÇÕES DAS FLORES

Toda a noite nevou. O frio agora corta  
Mais do que as mãos que vergam flores de passagem  
Ou estorcendo-as, rindo, as arrancaram cerce...  
Mais do que a noite esfria e desconforta,  
Ao ar da ante-manhã, a líquida friagem  
Da neve que começa a dissolver-se.

— «*Antes a neve que nos cobre — alva mortalha!...  
Chega quentinha a parecer-nos, e agasalha...*»

Uma gaze corrida e uma chuva nevoenta  
Sucede à neve rala e enfarinhada  
Que peneirou a noite em silencioso afan...  
E o Sol que tarda tanto, na violenta  
Poalha d'oiro e rosa, da alvorada!  
Aurora triunfal! Luz da Manhã!

— «*Ó névoa que andas encobrindo o arrebol,  
Sê clemente — deixai romper o Sol!...*»



A turva manhã ameaça um tempo de invernia...  
Sem sol? Quem sabe!?... Longe, é certo, o oriente,  
Há muito que o inflamou a luz solar...  
O sol já deve ir alto. É alto o dia.  
Mas é cerrado o Céu, teimôsamente  
Húmido e carrancudo o seu fitar...

— «Venham raios de Sol beber-nos a frieza  
Destas pérolas d'água — incómoda riqueza!...

Na fôrça máxima do vencedor tardio,  
Que expande todo o seu deslumbramento  
E quer aproveitar o tempo que perdeu,  
O Sol, o poderoso Sol, enfim surgiu,  
Procriador brutal, consolador violento!...

É fogo o ar, é fogo a terra, é fogo o Céu...

— «Sol! aqueces... e matas, Sol de Estio!...  
Que saudades da neve, e mais do frio!...



## ORAÇÕES DA GOTA D'ÁGUA

Uma redonda gotasinha d'água pura  
Caíu na terra, e como a terra estava fria  
(Do frio e a neve dum turgida invernía)  
E não sentisse e não sofresse de secura,  
Ficou no solo, ali, tremendo arrepiada,  
De modo tal que a gotasinha d'água pura  
Via-se caída assim, inútil, desolada  
E exul dos claros céus e das nuvens da altura,  
Sem ter réstea de sol que a afagasse e a aquecesse;  
E poisando na terra húmida e encharcada,  
Sem chão que a agasalhasse e piedoso a absorvesse...

Ao céu se lamentava :  
«Vêde, Pai-sol ! minha desgraça horrível, vêde !  
«Dai-me um pouco, Senhor ! da tua graça,  
«Que faça, de repente,  
«Com que este solo a arder de novo, febrilmente,  
«De mim precise... que eu lhe vá matar a sede !»

Sorriu um pouco, o Sol, ao de leve mostrou-se  
No seu poder profundo,  
E metade da gôta, um instante arcoirizada,  
Toda vaidosa, *inchada*,  
Secou-se.

E a gôta d'água, diminuída e mais tristonha,  
Ao Céu levou uma outra e mais chorosa prece,  
De modo que ela, a gotasinha d'água pura,  
Par'cia desfazer-se, o resto, de ternura :

«Deusa das chuvas que rolais lá no infinito,  
«Mandai a esta região em que eu habito  
«Alguns pingos sequer que às minhas forças una  
«E me levem daqui, de escantilhão embora,  
«Por entre pedras e entre serras mundo fóra!...

•Se ao menos eu pendesse a rociar uma rosa  
•E na sua beleza aureoreal, suprema,  
•Eu fosse, aljofar ou brilhante, a mais preciosa  
•Joia que lhe adornasse o régio diadema,  
•Ou sôbre orquídea estranha, em sua esvelta flor  
•De asas a abrir, lembrando insecto multicolor!...

•Ou se eu ao menos, mais obscura e mais modesta,  
•Caísse sôbre o musgo ou líquen, numa aresta  
•De penedia rude,  
•Desamparada e agreste à beira dum talude,  
•Ou na folha grosseira e carnuda dum cacto  
•A vegetar hostil na eriçada dureza,

«Ou duma urze ou tójo em que a mêdo me abrisse...  
«Mas que, afinal, servisse!  
«Que, servindo, me visse em íntimo contacto  
«Na linda e imensa comunhão da Natureza!

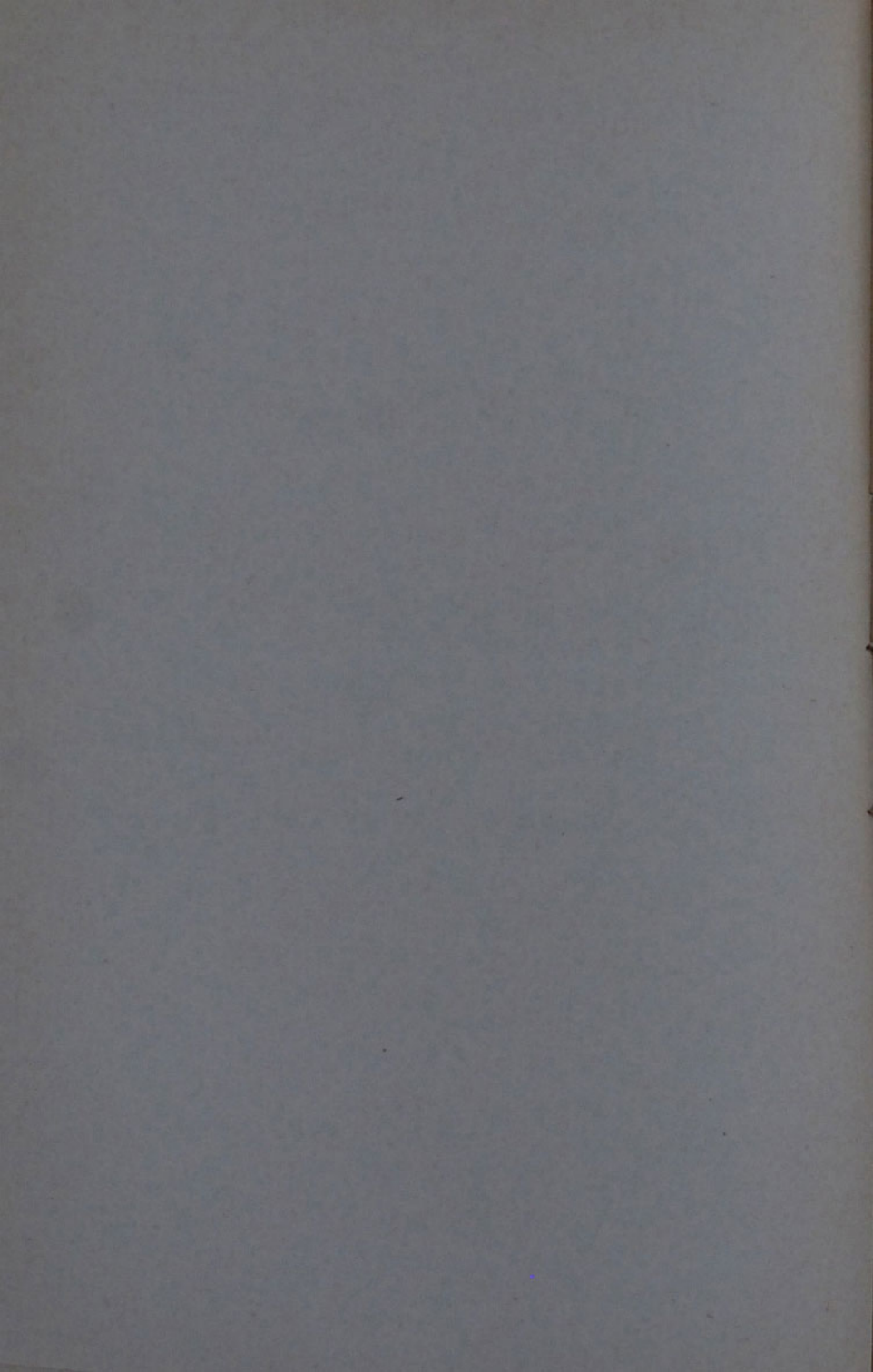
«E não vivesse mais, um só momento mais,  
«Nesta ansiedade  
«Dum corpo que ama e freme e vive na tristeza,  
«Vendo mirrar-se, aos poucos, e a curtir,  
«Como uma expiação, eterna esterilidade...»

E tanto assim se lamentou e assim orou  
Que o Céu, compadecido  
De ouvir tanto gemido,  
Ordenou que se abrisse e presto se entornasse  
Uma boa chuvada  
Que a gotasinha d'água pura contentasse.  
Mas tanta a chuva foi das nuvens despenhada,  
Que a pòbresinha, a gotasinha d'água pura,  
Foi de roldão  
Não se sabe p'ra onde, enrolada e levada  
E entregue a que aventura...



NINFAS





## NAIADES

Pelas águas do rio, murmurosas,  
Que fluindo vem de fontes e ribeiros,  
Ou descansando à sombra dos salgueiros,  
Andam as Naiades formosas.

Ao sol d'oiro o seu cabelo esparso.  
Como o sincero às margens debruçado  
Penteiam-se, num geito requebrado,  
Do rio brando ao espelho garço.

E vai-se o Dia, que os fulgores leva:  
Ramadas e cabelos enegrecem...  
Os sinceirais e as ninfas adormecem,  
Tranquilos, no torpor da treva.

Porem a Lua emerge e tudo aclara  
E acorda a tenebrosa confusão,  
Mas, por muito que fulja é sempre em vão  
Que aquece a sua luz tão cara.

Ao contrário, estremeçam com mais frio  
As Naiades que estavam dormitando.  
Para aquecer, agora despertando,  
Bailam, de roda, à flor do rio.

Dos salgueirais, às nevoas aluaradas,  
Os ramos álgidos luar escorrem ;  
Ao luaceiro e à neblina as águas correm,  
Fluindo em vozes fatigadas.

E as Naiades, revendo os seus cabelos  
De lua empoados, como encanecidos...  
Fogem num bando, em sustos e alaridos,  
Voltam à treva, a reescondê-los.

## NEREIDES

Com o velho pai, o multiforme, o grave,  
Profético Nereu,  
De longas, álgidas barbas azues  
Da côr do céu,

Vivem as cinco irmãs, as plácidas Nereides.  
Andam no estranho e misterioso fundo,  
Das águas no encantado mundo  
Junto às ilhas do Egeu.

Quási sempre nadando silenciosas,  
— Ageis de peixe, e, como ninfas, belas —  
Fosforescem escamas prateadas,  
São refranger de conchas nacaradas  
Que em si guardam as luas e as estrelas.

Damas da régia côrte de Anfitrite,  
E por seu turno de Tritões rodeadas,  
Ei-las agora de Anfitrite à volta  
(A loira e espessa cabeleira à solta)  
Cortejando e folgando cortejadas.



Filhas de Dóris,  
Moças ninfas dos mares interiores,  
Que baste o feriado das folganças!  
Por vossos lindos olhos protectores  
Eu oiço, suplicantes,  
Falas de pescadores e mareantes.

Põem em vós as últimas esperanças  
Os mareantes mais os pescadores.

## ORÍADES

A névoa se alevanta lentamente  
Dos fôfos, acolchoados horizontes :  
Humida gaze fina e transparente  
Sob que dormiram, plácidos, os montes.

E vai subindo, vai descortinando  
Da serrania os cumes elevados  
— Vaga, de sonho aos poucos despertando  
— Leve, que nem as rendas dos noivados.

Primeiro afloram cimos de montanhas...  
Sobre êles paira o pó duma neblina,  
Nessas cabeças ásperas, estranhas,  
Toucando-as duma gaze ainda mais fina.

Depois vão-se esgarçando as escumilhas,  
Que espreita já o Sol em seus assombros :  
Desatam-se corpetes, e as mantilhas  
Escorregam, resvalam pelos ombros...

Que donaire nas linhas majestosas,  
Que o longe azula e a névoa à tarde empana!  
São giganteas estatuas religiosas  
Que a multidão dos sátiros profana...

O garbo hercúleo, a olímpica firmeza  
De quem se julga ser dos céus pilastra,  
Junto à terrena e vivida beleza  
De quem na terra se enraiza e alastra!...

E a névoa, a espaços, tenta reenvolver,  
Aqui e ali, a serrania ao alto...  
São adornos flutuantes de mulher...  
Ou lembram fumo em batalhões de assalto.

Numa arrancada épica, fremente,  
Retoma êsses castelos, triunfal...  
Ou corre e cerra delicadamente  
As cortinas de alcôva nupcial...

Mas Febo das Oriades ansiado  
De as surpreender, as linhas preguiçosas,  
Com seus dedos de sol rosi-dourado  
Lhes descerra as cortinas voluptuosas.

Ficam restos, farrapos gotejantes,  
Por quebradas e esconsos, em segredos...  
Mas logo se dissolvem, nuns instantes,  
Nas guarnições de moitas e folhedos.



Quási livres das brumas alvacentas,  
A luz, ainda em traços imperfeitos,  
Esboçam-se as Oriádes, friorentas,  
A espreguiçar-se em estremunhados geitos.

Inda mal as componho, em seus enleios :  
Há colos arrepiados já tranquilos,  
E peitos núbeis, e outros altos, cheios,  
Na plena apoiadura dos mamilos.

Pelas encostas, em sinuosa falda,  
Quanta inédita forma para artistas !  
Que academia de flexuosa espalda  
E flutuações de coxas imprevistas !

Nem mesmo os topos e o galgar das ondas  
(No seu capricho, o Génio firme trace-as !)  
Nas curvilíneas classicas, redondas,  
Variam tanto no contorno e audacias !...

Já plena luz. Enxutas, triunfais,  
Ei-las ! — completas, inteiriças, vejo  
As francas plásticas, aleluais,  
Cheias de sol... e como o sol as beijo !



## NAPÉAS

Das planícies e prados  
Na veludosa felpa da alcatifa  
Que o rosicler borrija  
E rega com seus crivos perolados,  
As Napéas retoçam, vão folgando,  
Em belo e airoso bando.

Pés nus, quanto os regala,  
Acostumados ao pisar da selva,  
Passarilhar na relva  
Mais rica e fofa que um tapiz de sala!  
Lá andam elas, trêfego rebanho,  
No seu passeado banho.

Na saüdação ao Dia  
Cantam, não longe, as aves dôcemente;  
Vem vindo mansamente  
As manadas e armentos com seu guia...  
E as Ninfas, inda alheias ao rumor,  
Fazem seu toucador.

Que na atmosfera fina  
E o rócio que o alvoro cristalizou  
E tardo o sol, guardou  
Na esmeralda colosso da campina,  
Corpos desnudos, comas tumultuantes,  
Espelhos têm bastantes.

Perto murmuram linfas,  
Mas essas águas de cantar queixoso  
São moradia e gôso  
Dumas graças estranhas doutras Ninfas...  
E nas margens, em sombra, das correntes  
Ha Faunos insolentes.

E enquanto o Sol não chega,  
O flamejante Febo incendiário,  
No seu ledo fadário,  
O rancho das Napéas se assocega:  
Presidem às funções das pradarias,  
Ao acordar dos dias.

Mais que as aves cantantes,  
Hinos triviais, nessas doiradas horas  
Há vozes mujidoras,  
E alvoradas de potros relinchantes...  
E enxadas começam a faïscar  
Sôbre a terra a sangrar...

Demora ainda a sésta,  
Mas porque o Sol já por demais escalde  
Ou chame-as do arrabalde  
O seu dever, do fundo da floresta...  
Ou caçador's em seu encalço venham  
Pelos bosques se embrenham.

Não vão como Diana  
Em disparada, célere carreira,  
Na faina carniceira  
Que mais parece crueldade humana...  
Recolhem aos seus bosques, que protegem,  
E que há muito as elegem...

Milagre é, maravilha,  
Ainda assim, que a mata atravessando  
Não vão dilacerando  
Suas carnes na estreita, áspera trilha,  
Nem lhe prendam os galhos mais confusos  
Os cabelos profusos.

Aí entronizadas,  
Assistem na recondita floresta  
À litúrgica festa  
Sem alalis nem perros de caçadas...  
Mas quanta vida e triunfal grandeza  
Na calma Natureza!

Os animais terríficos,  
Até êsses que espalham o pavor,  
São rêses sem pastor,  
Calmos como os do prado os mais pacíficos.  
As próprias feras, de ternura cheias,  
Rendem culto às Napéas.



## OCEÁNIDES

Algas verdes as suas vestes unicas :  
Os algosos cabelos desatados,  
Mal lhes cobrindo o corpo em farrapos de túnicas.

Glabras, a espaços vê-se em cada uma,  
Cristas de vaga os seios levantados,  
Duas ilhas a arfar alvíssimas de espuma.

Desprendidas das algas e dos limos,  
Deslumbram na estatuária triunfal,  
De seiva estoiram como o licor nos racimos.

Movendo-se e volteando sem esforço,  
Mostram curvas de búzio colossal  
Vistas assim de lado, ao comprido do dorso.

Filhas legítimas da airosa Tétis,  
Que destaque de formas sôbrehumano !  
A cinta e o colo são delgados braceletes,

È ancas e espáduas, túmidas, redondas,  
— Como Ninfas do Mar, filhas do Oceano —  
São vagas a bailar, são outras tantas ondas.

O olhar, de céus caindo sôbre as águas...  
No enconchado das órbitas fulgindo,  
Há alegrias de sol e entardecer de máguas.

E sob a luz dessas safiras cérulas,  
Na concha dos seus lábios entreabrindo  
Um cofre de coral e riquíssimas pérolas.

A fala, essa é que é estranha, e não se ageita,  
Nem sempre ao meu retrato incompletado,  
A tanta maravilha olímpica, perfeita!

Fala que entôa vagas melopéias,  
Névoas de sons, cantarolar alado  
Do cardume doloso e terno das sereias...

Linguagem misteriosa e sôpro brando  
Que bafeja nas velas e nos mastros  
E na amurada vai o nauta enfeitiçando...

Voz que mais forte ainda é grato acento  
(Mais que do salso pélago, dos astros!)  
No cordame a tanger — nostálgico instrumento...

Mas rápido se encrespa e engrossa e irrita,  
Buzina e enfuna o torvo temporal  
Que as águas arremessa à cúpula infinita!

E seja o Céu que baixa, a melhor vê-las,  
Ou se erga o Oceano em zêlo paternal,  
Juntam-se os dois ao ronco e assalto das procelas!

Querem-se estrangular... Mais desgrenhadas,  
Veem-se as Ninfas os ventos assoprando,  
Rouquejando e escumando em cólera inflamadas.

## DRÍADES

Do carvalho coroam-se, em grinaldas :  
    Como Deuses e herois,  
Preferem-nos entre as pompas de esmeraldas  
Com que se enfeitam rebrilhando aos sois.

Mas de todas as árvores senhoras  
    De guarda e protecção,  
Velando, as desveladas protectoras,  
De ramos verdes suas vestes são.

De duradoiro viço e juventude  
    Não são, não, imortais,  
Prendam-se embora à terra em forma rude,  
Em raizes se afundem em espirais.

Dentro dos próprios bosques e arvoredos,  
    Nêles mesmo integradas,  
As boas Dríades, mais que em folgedos  
E em seus mistérios e funções sagradas.



As cheias Ninfas, na defeza augusta  
Das árvores alerta,  
Raro dormem — que a sua obra é justa! —  
São padroeiras de vigília certa.

## HAMADRÍADE

A cabeleira, esparsa, abre-se em franjas  
De tenda protectora.  
Todos que passam são convivas, entram  
Na sombra acolhedora.

E sob a fronde, a tenda ali armada,  
— Diga-se antes docel —  
Estão suspensos frutos abundantes  
Cheios de carne e mel.

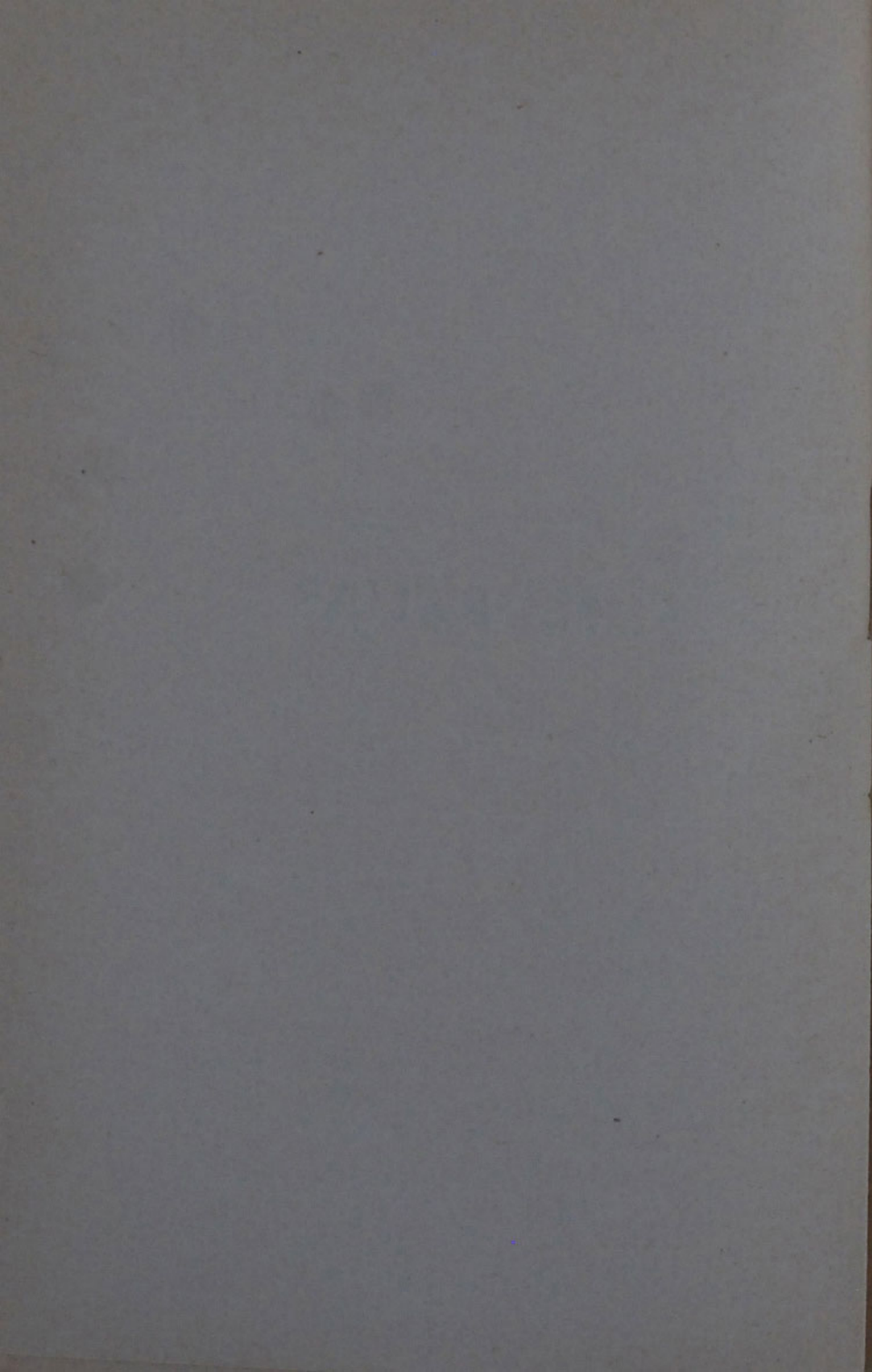
Sorri a Ninfa em flores graciosas,  
Pelas penumbras cautas:  
Novas flores que são promessas novas,  
Futuras mesas lautas.

E para ser bem digna de Hamadriade,  
Banquete e alegre festa,  
Aves, por entre a fronde, entoam músicas  
Em crescendos de orquesta.



FLORÁLIAS





## NUPCIAL

Como se não bastara a mocidade tua,  
Que é roseiral a abrir e sempre abotoado,  
Apareces frolindo em brancos de lua,  
Para o nosso noivado.

Que Flora me perdõe! Botões de laranjeira  
Empalidecem junto à tua linda face,  
E um só sorriso teu é mais que uma macieira  
Que um instante se agitasse...

Como se não bastara o pômo tenro e doce  
Que é tôda a tua seiva, a juventude toda,  
Vens de abadas de fruta, assim como se fôsse  
Merenda a nossa boda.

Seja! Eu preferirei ao morango carnudo  
Tua bôca sagrando em beijos, sonora,  
E ao pêcego sedoso a polpa de veludo  
Da orelha penujosa.

E a nossa mesa então, de banquete e de altar,  
Que vais florir e ornar com a tua alegria,  
Será em pleno campo, ainda a trescalar  
Ao sol do meio dia.

Sob o azul, ao extinguir dos luminosos ramos,  
Ponhamo-nos, à tarde, afinal, a caminho ;  
Sobre o feno, inda morno, o tálamo tenhamos,  
Que mais pareça um ninho.

## I

Flora, a Ninfa de cândida beleza  
Que o sulmonense Ovídio celebrou,  
Grega Chlóris de graça e de pureza,  
O vento a fecundou.

Núbil, floria como a noiva casta,  
Sem presentir sua missão sequer,  
Porém um sôpro a Zéfiro lhe basta  
Para a fazer conceber.

Com o vento no seu ruflar de penas  
(Mais que em perseguições e correria)  
Flora desperta a um doce bafo apenas,  
A êsse hálito procría.

## II

Porque me foges, diz, se hei de vencer-te!?  
Quando já em carreira desatada  
Te julgares em fuga, é que has de vêr-te  
Mais presa, e conquistada.



Quando o meu ser soprou contentamento  
De vêr-te e o meu olhar por ti passou,  
Mais forte do que tudo, o Pensamento  
Para mim te roubou.

Os entes que se gerem, se produzam,  
Mais que de abraços e primeiros beijos  
Serão filhos das ânsias que se cruzam  
Nos primeiros desejos.

## FLORÁLIAS

### I

Rápidos ventos de asas invisíveis,  
Ide em busca das graças inflexíveis  
Do meu Amor.

Não no arquejar de leques e palmeiras,  
Mas atear-lhe nas frígidas maneiras  
Propício ardor.

### II

Alígeros Favónios ciciados,  
Ao vêrdes seus orgulhos bem fechados,  
Não a receeis...

E se para a moverdes for preciso,  
Ventai com fôrça... mas — eu vos aviso —  
Não a magueis!

### III

Sabemos, Zéfiros, no que a brandura  
Não consegue, que faz a fôrça dura,  
No amor que faz!?

Mas eu sei que também é lei do amor  
Um pouco haver de audácia e de valor...  
Seja-se audaz!

### IV

Vamos, brisas da tarde perfumosas,  
Junto da Ninfa, em ondas cautelosas,  
Ouvir-lhe o anseio...

Ela há de abrir-se, flor desabrochando,  
Ela já nos presente, em si pousando,  
Trémulo o seio...

## PÊCEGUEIROS

Pecegueiros de flôr todos cobertos,  
Em delicadas brazas incendidos,  
Sois para êstes meus olhos, meus sentidos,  
Sorrisos femininos mal abertos...

Mãos violentas que vão os pecegueiros  
Agitar, sacudir, com fôrça toda,  
Perfumais e alegrais, um instante, em roda,  
E atapetais o chão dos caminheiros...

Chuva de flôres rápida, fugace,  
Instantanea aleluia fulgurosa...  
Que seria da fruta saborosa,  
Se os risos só quizesse — e não esperasse!?



## OLAIAS

As olaias florindo, ardem, flamejam,  
São brazidos ateados.

Que importa que as proclamem infrutíferas  
Se em brilho, em côr, em lume, são prolíferas...  
Mais que nenhuma avivam e festejam  
Os ares, alegrados! ?...

Se as olaias depois é que se enfolham,  
É para florirem mais...

Que importa estereis sejam se elas todas  
Fervem que nem o vinho e o rir das bodas  
Como corpos de amor que se desfolham  
Em beijos, rematando os esponsais! ?...

Da olaia entanto a fama — a história — é mesta:  
«*Que é rica em prometer e não dá nada*»...

Se os seus ventres não geram, frustes são,

Dos olhos são o pão...

É a Alegria embandeirando em festa!  
Riso em chama na pálida jornada!

## AS OLAIAS E AS CIGARRAS

Cigarra, ébria de luz, que estrugindo te ensaias  
    No pino do meio dia,  
Porque preferes, dize, as floridas olaias  
Para o cegarregar da tua cantoria?

Prefere a noite e a lua o doce rouxinol  
    Para o seu lindo gorgeio...  
E escolhes tu, cigarra, a torreira do sol  
Quando êle é mais aceso e bate mais em cheio!

Porque o almejas assim, vagabunda cigarra,  
    Quando êle tudo entorpece...  
E louca, zinguerreando em estrídula fanfarra,  
Em roda acordas toda a terra que adormece!?...

Porque buscas gritar teus fortes panegíricos  
    Na árvore da Judeia,  
Que no heleno Anacreonte e em Castilho e outros líricos  
Tão frequente e gloriosa em estrofes se nomeia!?

Dize, cigarrá, em sol e em calor atordoada,  
Que, asas batendo, estridúlas!?. . .  
Respondeu-me: «É que, achando a soalheira apoucada,  
«Quero mais um braseiro, a florir em faúlas. . .

«E a luz, quando violenta, é que é força, é que é Vida!...

«Deixa falar os românticos!

«Cansem-se outros, que eu canto as congestões da lida

«E há sátiras de fogo em meus bizarros canticos!»

## ROSAS BRANCAS

Rosas de neve, rosas desmaiadas,  
Que mais que as rosas-chá amarelecem,  
Virgens flores solteiras que emurhecem,  
Sempre sonhando, eternas invioladas ;

Rosas que mal sentiram, perturbadas,  
Os Zéfiros que passam e estremeçam,  
E nos seios de algumas adormecem,  
As núpcias disfrutando inenarradas.

Nem um pouco córastes nos rubores  
Das ingenuas delícias que sonhais...  
Donzelas que morreis, honestas flores

Que por um grave e estulto preconceito  
Para a cova tristíssima levais  
O segredo do amor insatisfeito.



## ROSA ENCARNADA

### I

Branca, que nem as vestes das Vestais  
Pelas profanações não maculadas,  
Ou o gêlo das cristas afastadas  
Que o sol não olha mais ;

Liso brancor de quem, sem biografia,  
Da ignorancia vive em campo franco ;  
Livro que espera, ainda todo em branco,  
Que alguém o encha um dia...

Bastou que, um instante, trémulo a roçasse  
Dum Fauno insonte um sopro de desejo,  
Para que a Rosa nívea, a tal bafejo,  
Ao de leve córresse...

E assim a ingenua Rosa, pura, côr de gêlo,  
Ficou roseada : Rosa côr de rosa,  
Carne de virgem que desperta ansiosa  
No seu primeiro zêlo...

Depois, um outro Fauno, andando a monte,  
Em sebe reclinada a descobriu;  
De muito beijo em sangue coloriu  
A sua rosea fronte.

E a Rosa, assim, roseada muito ao leve,  
(De muito que ela amou e foi amada)  
Tornou-se depois rubra, incendiada,  
Em brasa se manteve.

## II

Rosas infantas que entreabertas vimos,  
Lindas córando quando as desejamos,  
E vermelhas ao rubro se as fruimos,  
E já roxas, exangues, desprezamos...

Muito pouco durais, sois como o sonho...  
Rosa desfeita é sonho a despertar...  
Que importa! No caminho o mais tristonho  
Há rosas sempre para desfolhar!



NOTA SÔBRE  
O A U T O R





*Paulino de Oliveira (Francisco Paulino Gomes de Oliveira) nasceu em Setubal, onde seu pai era comerciante, em 22 de Junho de 1864. Frequentou a Escola Académica, de Lisboa, tirando o curso comercial. Quiz o destino que fôsse commercialista quem nascera para poeta.*

*Em 1886 funda, com outros setubalenses, o seu primeiro jornal: A Estreia, redigindo, sucessivamente, vários periódicos locais. Em 1888 publica o seu primeiro livro de versos, Cânticos Sadiños, com o pseudónimo de Anuplio d'Oliveira. Em 1893, quando publicou o seu volume de sonetos, Dôr, já não mencionava essa obra juvenil. Em 1890 manifesta-se, pela primeira vez, como tribuno do povo, sofrendo trinta dias de prisão que lhe inspiraram um opúsculo: Em ferros de el-rei. Por êsse tempo, convive, em Lisboa, com os literatos e artistas da sua geração. No mesmo*

ano em que publica a *Dôr parte para a África* (Ambriz), de onde regressa, doente, no ano seguinte. Volta a dedicar-se ao periodismo, redigindo, inteiramente, uma revista: *O Mês* (Crónica da vida setubalense). Casa, em 1898, com a escritora Ana de Castro Osório. No ano seguinte, trabalha, com sua mulher, na consagração de Garrett. Em 1900 faz com que a cidade de Setúbal leve ao Parlamento uma representação pedindo para os despojos mortais do grande escritor serem trasladados para os Jerónimos. Anos depois, em 1905, dedica-se a celebrar o génio de Bocage. Contribuiu, ainda, para criar o culto pela memória da celebre cantora Luiza Todi, e para tornar conhecido o poeta popular António Eusébio, o «Calafate». Amava a glória dos outros e desdenhava o êxito pessoal.

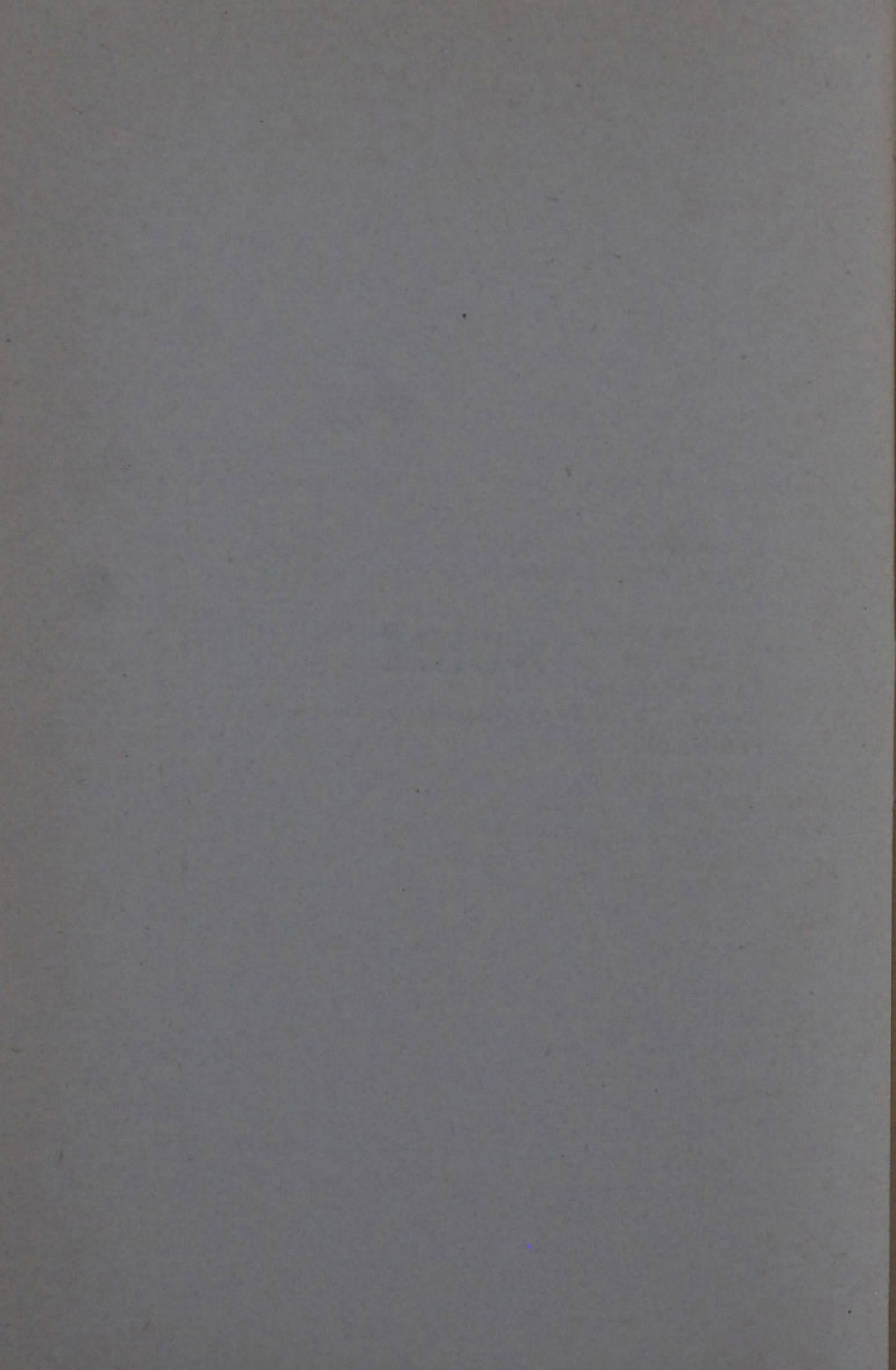
Em 1908, após o fracasso do movimento re-

*publicano de 28 de Janeiro, parte para o Brasil, de onde regressa quási dois anos depois, tendo realisado uma obra de propaganda e aproximação intelectual. Proclamada a Republica, mas insatisfeito no seu idealismo, continuou a lutar, como fizera desde a juventude, pelas mais generosas aspirações. Funda um semanário, O Radical, onde combate os falsos republicanos como combatera a monarquia. Desgostoso e, talvez, já fatigado, parte novamente para o Brasil (São Paulo) em Maio de 1911, como Consul de Portugal. Faleceu naquela cidade brasileira, em 13 de Março de 1914. Os seus despojos foram trasladados, em 1922, para Setubal, onde quis ser enterrado. Apesar duma vida de luta política, poude dar o melhor do seu espirito à obra poética reünida neste volume.*





# ÍNDICE



NOTA SOBRE A EDIÇÃO .....	XI
VELHA LÍRICA .....	1
<i>O meu peito é pôço fundo</i> .....	3
<i>Trago a cabeça turvada</i> .....	4
Sinos .....	7
Flores no quarto .....	10
Cigana.....	12
Tarde de chuva.....	14
<i>Amava... e por amar e muito ser amado</i> .....	16
Petrificação .....	17
Luz ausente.....	19
Hora doce .....	20
A sua voz.....	23
Beijos .....	25
Primeiro filho .....	27
ASPECTOS .....	31
Bairro afastado	
I — Por fóra.....	33
II — Por dentro .....	36
Pela rua	
I.....	39
II.....	42



Recantos.....	44
Da minha trapeira .....	49
Do alto	
I.....	51
II.....	53
O entêrro.....	55
Felizes os que partem .....	57
Metamorfose .....	59
Manhã no campo .....	63
Paisagem .....	67
Trovoadas .....	69
Meio dia .....	71
Calmaria.....	73
DÔR .....	75
Dedicatória .....	77
<i>Pobres versos doridos, tristes cantos.....</i>	78
Neste desterro .....	79
Forçados.....	80
Resposta.....	81
Marés .....	82
Parentesis de luz .....	83
Desafogo ...	84
A mascarada .....	85
Primitivo.....	86
A corrente	
I.....	87
II.....	88
Enfado.....	89
Audácia.....	90
<i>; Como todo êste mundo é falso ; quanto .....</i>	91
No entêrro do Costa Alegre	
I.....	92
II.....	93
<i>Violências, gritos, de combate e glória .....</i>	94

Rastros .....	95
Abyssus	
I.....	96
II.....	97
Magra .....	98
De preto .....	99
Material .....	100
Fases .....	101
Desilusão .....	102
Velando.....	103
Ideal.....	104
Morta	
I.....	105
II.....	106
Saúde .....	107
Ansias .....	108
Simple .....	109
Felix umbra.....	110
Presentimento.....	111
À chuva.....	112
Ambição .....	113
A felicidade	
I.....	114
II.....	115
III.....	116
A verdade.....	117
Vida e morte.....	118
Silêncio .....	119
Crepuscular.....	120
 BOCAGE .....	 121
 A mãe de Bocage .....	 123
A sua vida .....	124
A sua obra.....	125
O repentista.....	126

<i>Elmano, Elmano, de poder tão forte</i> .....	127
<i>Quando te leio, extático, embalado</i> .....	128
DIRCÊO.....	129
A casa de Marflia .....	131
JARDIM DAS OLIVEIRAS .....	133
<i>Viver: fruir a vida descuidada</i> .....	135
<i>Construir, pouco a pouco, um edificio</i> .....	136
Espiritismo.....	137
Promissão à vista.....	138
Resposta.....	139
Depois da luta.....	140
<i>O Prazer, por maior, é breve instante</i> .....	141
Seara de pedras .....	142
Só aparência .....	143
Julga por ti .....	144
<i>Para quê tanta luta em públicas arenas</i> .....	145
<i>Tua alma que é conscientemente boa</i> .....	146
Amor .....	147
Beijos	
I.....	148
II.....	149
Aos filhos.....	150
Meus pais .....	151
<i>Tu vais e eu fico... Uma outra despedida</i> .....	152
<i>Da minha casa a rectaguarda espreita</i> .....	153
Magnólias.....	154
<i>Todas as noites passo ali, de volta a casa</i> .....	155
Noite triste .....	156
Cantando	
I.....	157
II.....	158
Dia de chuva em Oiro Preto.....	159



Morrer .....	160
Hora de penitência .....	161
<b>TERRA MATER.....</b>	<b>163</b>
Protecção.....	165
O trigo .....	168
A vinha.....	176
Hinos à árvore	
I.....	181
II.....	183
A oliveira.....	185
A árvore cortada.....	190
O anseio da chuva.....	197
Pelas águas .....	203
O cavador .....	206
O ditirambo da terra.....	209
<b><u>CANÇÕES DA TERRA</u> .....</b>	<b>213</b>
Reza em noite de temporal.....	215
Miserere do temporal.....	219
Canção do berço .....	221
Cantigas do setestrela	
I.....	224
II.....	225
Canções das ondas	
I.....	227
II.....	228
III .....	229
Cantares	
I.....	230
II.....	231
III.....	231
IV.....	232
V.....	233
VI.....	233



Salidades .....	235
As naus da Índia .....	237
RESTÊLO .....	241
AS QUATRO ESTAÇÕES .....	253
O AUTO DO ANO NOVO .....	261
Primeiro quadro .....	263
Segundo quadro .....	269
CATECISMO PAGÃO .....	283
ORAÇÕES ANTIGAS .....	285
Verdades supremas .....	287
Padre nosso .....	289
Avé Maria .....	292
Salvé, Rainha .....	295
Credo .....	297
Ladainha .....	299
Fé, Esperança, Caridade .....	301
Esperar .....	302
Os pecados mortais .....	304
Partes da penitência .....	306
Potências da alma .....	308
Os cinco sentidos .....	309
<i>Claridade... ser claro</i> .....	311
Céu .....	312
Extrema Unção .....	314
ORAÇÕES NOVAS .....	315
Oração das pequenas árvores .....	317
Oração das mãis pobres .....	320

Orações das flores .....	324
Orações da gota d'água.....	326
NINFAS .....	329
Naiades .....	331
Nereides .....	333
Oríades.....	335
Napéas .....	338
Oceânides.....	342
Dríades .....	345
Hamadríade .....	347
FLORÁLIAS.....	349
Nupcial .....	351
<i>Flora, a Ninfa de cândida beleza</i> .....	355
Florálias.....	355
Pecegueiros .....	357
Olaias .....	358
As olaias e as cigarras.....	359
Rosas brancas.....	361
Rosa encarnada .....	362
NOTA SOBRE O AUTOR.....	365



*A páginas 107, no terceiro verso da segunda quadra do soneto Saüdade deve ler-se «meu» em vez de «seu».*  
*A páginas 108, no segundo verso do soneto Ansias deve ler-se «Phrinés» em vez de «Phrinês».*







